

GABRIEL FELTRAN

# Irmãos

*Uma história do PCC*

*3ª reimpressão*



COMPANHIA DAS LETRAS

# Sumário

## PARTE UM — A SOCIEDADE SECRETA

1. Maçonaria do crime.....	13
2. “O que está embaixo é como o que está no alto”.....	46
3. A economia e o PCC.....	77
4. Mercados (i)legais.....	103

## PARTE DOIS — A POLÍTICA DE EXPANSÃO

5. Antes do PCC.....	129
6. Cadeia e rua, mesmo ritmo.....	176
7. A justiça do PCC.....	209
8. Paz tem preço.....	237
9. Políticas do crime.....	266
10. A máquina crime-segurança.....	284
Notas.....	291
Apêndice: Estatuto do PCC (Terceira Geração).....	305
Sobre este livro.....	311

## Sobre este livro

Este livro é resultado de uma pesquisa acadêmica de duas décadas, e não busca julgar o que faz um ou outro lado da contenda: policiais, PCC, facções rivais ou moradores de favelas. Não se trata de adjetivar, mas de compreender. O livro também propõe uma reflexão sobre a violência e a segurança no Brasil a partir da história do PCC. A trajetória de 25 anos da guerra da facção com as polícias tem algo a ensinar. Todas as pessoas com quem conversei, com quem estive cotidianamente em contato sobre o tema do conflito urbano, da violência e da criminalidade, querem viver em paz e segurança. Policiais, ladrões, trabalhadores, pais de família. Ricos e pobres. Brancos, negros, mães de jovens encarcerados; familiares de policiais mortos e assaltantes de banco. Todos eles sabem, de diferentes maneiras, que a paz é fruto da justiça, mas que estão em guerra uns contra os outros. Todos acreditam que podem superar o adversário, o inimigo, na força.

Todas as vezes em que o PCC entregou justiça eficiente à população através dos debates, mesmo não sendo a justiça esperada pelos tribunais; quando esclareceu homicídios, ofereceu possibilidade de

gerar renda, mediou conflitos e evitou outras mortes; quando evitou roubos e desordem nas periferias, foi visto pela população com respeito e mesmo com admiração. Quando, ao contrário, criminosos estimularam o som ensurdecedor de carros equipados em festas regadas a cocaína e álcool entre jovens; quando oprimiram os moradores de bairros inteiros com toques de recolher e trocas de tiro; quando mataram adolescentes e jovens por muito pouco; quando roubaram trabalhadores nas quebradas, quando estupraram ou violentaram pessoas indefesas, perderam todo o respeito da população. Todas as vezes em que as polícias esclareceram crimes, intervindo providencialmente, respeitando direitos e protegendo a população, a sua legitimidade cresceu muito. Quando trabalharam com inteligência e não expuseram seus próprios homens a riscos desnecessários, quando investigaram e esclareceram com estratégia, ganharam autoridade moral. Quando violentaram adolescentes e jovens, torturaram em busca de informação, receberam propinas e acertos de traficantes, perderam espaço.

Seria simples se para resolver o problema da criminalidade bastasse prender os criminosos. Se para acabar com o PCC fosse suficiente encarcerar ou mesmo exterminar os seus membros. Se, quanto mais crescesse a repressão aos bandidos, mais seguros estivéssemos. Na verdade, não temos que fazer suposições; só no estado de São Paulo as polícias mataram mais de 20 mil pessoas, e o Judiciário encarcerou mais de 1 milhão de criminosos, nos últimos trinta anos. No Brasil todo, já são mais de 1 milhão de assassinados em três décadas. Vinte Maracanãs lotados de pessoas exterminadas por armas de fogo. Essas alternativas — a prisão e o extermínio — já estão sendo praticadas há décadas, e o resultado tem sido o contrário do previsto.

Nunca se falou tanto sobre a violência urbana como hoje. Noticiários policiais, drogas apreendidas e corpos estirados no chão povoam as conversas de bar. Nunca se apostou tanto na

repressão dos pardos e pretos que levaram a sério a incitação orgiástica dos mercados por consumo de carros, motos e mulheres, dinheiro fácil, cerveja e vida loka. Este livro nos levou a conhecer alguns desses marginais que, por representarem o oposto da lei e da ordem, são o contraste dos pilares morais da família, do trabalho, da Igreja e do Estado no Brasil contemporâneo. Nosso outro fundamental já não é o desempregado que pede integração por querer ser trabalhador, por ter índole e religião de trabalhador. Nosso outro agora é o bandido, o inimigo público que precisa ser contido, talvez internado contra a vontade, seguramente preso, no limite exterminado. Tenta-se administrar os corpos e as mentes desses homens e mulheres, jovens e até crianças com câmeras monitoradas, muralhas de presídios e nos escritórios de governo. Dentro e fora da cadeia, também o Primeiro Comando da Capital e o governo capilar das Igrejas evangélicas tentam administrá-los.

Em torno dessas tentativas operam hoje muitos mercados: de grades de ferro e concreto para prisões, mas também para casas de família, escolas e hospitais; cercas elétricas, câmeras de segurança e arames farpados em espiral para presídios de segurança máxima, mas também para centros comerciais e mesmo bairros inteiros; carros blindados e armamento para as polícias, mas também para empresários, jornalistas, juízes e consultores; incorporação imobiliária para condomínios fechados, mas também para a “nova classe C”; unidades de internação para adolescentes e clínicas de reabilitação para usuários de drogas, mas também de novas plantas prisionais para os que delas saírem; pedreiros e serventes para construir tudo isso, psicólogos comportamentalistas e psiquiatras positivistas para demonstrar a centralidade dos remédios de tarja preta na gestão do “problema da violência”.

Sem falar do dinheiro movimentado na própria venda ilícita de drogas e armas, motos e carros roubados, e nos mercados de

proteção ilegais, apropriados em grande escala por quem não é classificado como ladrão. O crime compensa para os mercados na situação desigual que temos, porque coloca muito dinheiro em nossa economia e faz mal apenas para as vidas dos que estão diretamente envolvidos no conflito — os incriminados e os assistentes sociais, educadores, policiais ou outros agentes públicos e não governamentais que lidam diretamente com eles. O crime compensa para quem lucra com o risco ao qual a população está exposta, desde que dentro de determinadas taxas; compensa para leiloeiros que ganham mais com o carro roubado do que os meninos que o roubaram; para os bancos que recebem o dinheiro do tráfico de drogas; para os políticos que se elegem com dinheiro lavado; para os maus policiais que recebem subornos; para os próprios ladrões e traficantes que conseguem sobreviver à repressão policial. O sistema prisional está no centro dessa gestão, mas também os orçamentos destinados à segurança pública e privada. A passagem das trajetórias aqui narradas pelas cadeias é signo da ampliação do mundo do crime e, sobretudo, da sua pervasividade social. Mas é signo também do mecanismo contemporâneo que as aparta da comunidade moral que rege a distribuição de direitos: os mercados da incriminação. Este livro espera contribuir para esse debate.

Na vida real, as coisas não são como nos filmes. Estudar o PCC não guarda nenhum traço de aventura ou gosto pelo submundo. Guarda, seguramente, esperança em um futuro menos violento, sem guerra. Fazer pesquisa de campo no mundo do crime ou perto dele, como eu fiz, não é participar de uma série policial. As pessoas de carne e osso, sejam policiais, ladrões ou suas mães, sentem na vida cotidiana o peso da guerra em que estão envolvidas. E refletem todo dia sobre a loucura de viver. A vida real me

parece, por isso, bem mais incrível do que o cinema, ou a televisão, fazem parecer.

Este é um livro sobre coisas fantásticas que acontecem todos os dias, e que eu tive a sorte de poder estudar, conhecer um pouco. Ainda há muito a conhecer, e sem dúvida há interpretações a amadurecer. A visão que hoje tenho do PCC, e que espero seguir aprimorando, é resultado de um aprendizado obtido de muitas maneiras, sempre coletivas. Desde 2004 estudo o tema, porque foi necessário. Estava em Sapopemba, na Zona Leste de São Paulo, para estudar a luta de Valdênia Paulino, uma das muitas defensoras de direitos humanos ameaçadas no país, hoje uma grande amiga. Conheci pessoas fantásticas ali, que continuam sendo parceiras ainda hoje. O mundo do crime se mostrava como uma entidade importante para a sociabilidade local, ainda que a enorme maioria dos moradores das periferias quisesse distância dele.

Entrevistei, conversei e convivi com muita gente que mora perto do Comando simplesmente porque nasceu e cresceu nas periferias de São Paulo ou viveu por lá desde os anos 1990, quando tudo começou. Conversei com alguns integrantes batizados da facção ao longo desses anos, na verdade poucos. Quando o fiz, não houve muita novidade no que me disseram, porque os modos de funcionamento do PCC são conhecidos não apenas pelos irmãos, mas também por quem os rodeia. Muitos irmãos, como relato no livro, tampouco sabem como funciona o todo da organização, que se mostra progressivamente aos iniciados.

Eu, que não sou irmão, sei muito menos do que eles, claro. O meu trabalho de pesquisador, de cientista, é transformar esse conhecimento em algo que traga benefícios para as pessoas. Numa guerra não há lado certo, porque buscar a paz é mais certo. O lado do PCC que enxerguei, e a partir do qual comecei a elaborar a ideia mais geral do funcionamento e da trajetória da facção, foi esse.

Sempre estudei os *efeitos*, ou seja, os impactos que a expansão do mundo do crime em São Paulo causou na vida das pessoas comuns que vivem nas periferias, e também nas classes médias e elites. Afinal, tenho a sorte de conviver com gente pobre e rica, e também com gente muito pobre e muito rica, o que é cada vez uma experiência mais rara na cidade de São Paulo e no Brasil. Interessavam-me mais os impactos causados pelo PCC nos cotidianos da periferia do que a dimensão criminal das vidas de seus integrantes. Penso o mesmo a respeito de partidos políticos, movimentos sociais, escolas, postos de saúde ou prefeituras. Interessa o que deixam de legado ao mundo no qual se fizeram. Acho que, por tudo o que ouvi, esse não foi um caminho errado.

Para elaborar este livro conversei, mas também convivi com muitos moradores das periferias de São Paulo e de várias outras cidades brasileiras. relatei minhas vivências com eles, e as reli muitas vezes, tanto quanto as entrevistas que realizei, bem como as de colegas, estudantes e parceiros com os quais trabalhei. Cada um deles sabe o quanto sou grato, ainda que não pretenda listá-los aqui. Acompanhei as histórias de muita gente, e algumas delas se tornaram parte da minha própria vida, viraram amigos, alguns passaram a conviver em casa, com minha família.

Comparei seus discursos sistematicamente, e suas formas de vida cotidiana, ao que dizem e vivem outros pobres urbanos de muitas outras cidades do mundo onde também tive a oportunidade de viver e trabalhar. Mas comparei, sobretudo, o que eles me falavam com o que contavam meus amigos e parceiros de classe média e de classe média alta das elites de São Paulo. Cada uma dessas falas, em seguida, foi confrontada — e faço isso também cotidianamente — aos meus próprios modos de ver o mundo. Essas comparações sistemáticas são a base do conhecimento produzido na pesquisa etnográfica, e é a comparação o método básico de análise da sociologia, a disciplina à qual decidi me dedicar.



Entrevistei diversos profissionais e gestores que atuam na área de segurança pública ou no sistema de Justiça em diferentes estados do Brasil, bem como inúmeros educadores de medidas socioeducativas, jornalistas, policiais, psicólogos, assistentes sociais, advogados e cientistas sociais que conhecem, cada um de seu jeito, um pouco sobre o pcc. Conversei bastante também com outros pesquisadores, em inúmeros debates que tivemos em universidades do Brasil, da América Latina e de várias outras partes do mundo.

Estive em quase trinta países nos últimos anos, trabalhando sobre os mesmos temas, sempre acompanhado por especialistas, em alguns casos podendo permanecer meses estudando. Da mesma forma, estive em inúmeras favelas, quebradas e periferias com intelectuais do mais alto nível, que embora não tenham mestrado ou doutorado conhecem muito mais do tema do que aqueles que analisam planilhas frias sem nunca terem experimentado o conflito urbano.

Foi, sem dúvida, andando pelas quebradas de São Paulo, de São Carlos, nas fronteiras com o Paraguai e a Bolívia, lendo nas bibliotecas e quartos de hotel, e me deslocando com o olhar atento por estradas e aeroportos do Brasil, da França, do México e da Alemanha, mas também do Líbano, do Panamá e dos Estados Unidos, que este livro ganhou corpo. Não houve glamour ou aventura nessas viagens, mas nelas conheci pessoas que me ensinaram demais. Se não houve glamour, houve muito trabalho e muitos dias terminados com a “mente exausta de mentar”, como no verso de Drummond.

O que me movia, além do amor à minha profissão e às riquezas imateriais inestimáveis que me trouxe, era a vontade de entender o que me era apresentado pela experiência. É preciso respeitar quem tem experiência em um assunto, experiência vivida no assunto. Não foi apenas nas favelas de São Paulo, portanto, que essa pesquisa se conduziu. No Departamento de Sociologia da Ufscar,

no Centro de Estudos da Metrópole, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), tive debates fundamentais à minha compreensão do problema. Meus estudantes, igualmente, me auxiliaram muito com material de relatos, músicas, debates infinitos e experiências preciosas de pesquisa.

Pesquisadores como Michel Misse, Luiz Antonio Machado da Silva, Daniel Cefaï, Talja Blokland, Evelina Dagnino, Daniel Hirata, Carolina Grillo, Douglas Santos, Karina Biondi, Vagner Marques, Bruno Paes Manso, Camila Nunes Dias, Rafael Godoi, Natália Padovani, Bruna Bumachar, Liliana Sanjurjo, Adalton Marques, Henrique Takahashi, Deborah Fromm, Evandro Cruz, Janaína Maldonado, Isabela Vianna, Luana Dias Motta, André de Pieri, Lucas Alves, Luiz Lourenço, Marcos Alvarez, Fernando Salla, Vera Telles, Marta Arretche, Eduardo Marques, Adrian Lavallo e muitos outros, refletindo ou não diretamente sobre o PCC, foram referências importantes do meu pensamento. Meus colegas de trabalho, o que inclui meus estudantes — no Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Ufscar, no Centro de Estudos da Metrópole, no Cebrap, na Unicamp, na Humboldt-Universität, na Sciences Po, na EHESS —, me ajudaram também com dicas e metáforas muito importantes para conhecer o que pensávamos juntos.

Este livro deve muito a amigos e parceiros, à minha família toda, e em especial aos debates longos que, cotidianamente, travo com minha companheira de vida Deborah Fromm e com Iara e Léo. A Carmen Sílvia Ribeiro e Lúcia Shimbo, pessoas tão importantes na minha vida. Ao lugar que meus pais, minhas irmãs, Luciana e Renata, e meu irmão, Paulo, criaram para mim. E a Daniel Hirata e Willian Neves, dois intelectuais de primeiríssimo nível, com quem não canso de conversar sobre o que tratei aqui. É um começo.